

SÉRIE TRAJETÓRIAS 2010

Palestrante: André Cardoso

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 14 de setembro de 2010

Hora: 17:00

André Cardoso

Boa tarde a todos. Sinto-me muito honrado de estar aqui e queria agradecer o convite para participar da Série Trajetórias, com a minha trajetória que ainda é muito curta, comparada a figuras maravilhosas que integram essa Academia. Eu queria agradecer também a presença de todos vocês que vieram aqui para me ouvir.

Vou começar falando de minhas origens, até porque justificam ou não a minha opção pela música. Tenho vários ramos da família em diferentes lugares pelo Brasil e coincidentemente, quando adulto, voltei a uma cidade que é parte de minha família, que é Petrópolis. Sou de uma família chamada De Schepper, uma família de belgas que veio exatamente para colonizar Petrópolis. Lá, os De Scheppers conheceram os Nicolai, que eram os alemães que também vieram para colonizar Petrópolis. A outra parte da minha família se espalha pelo Rio Grande do Sul, de onde vêm os Campelos, Bahia onde os Campelos se misturaram também com os baianos, outra parte da família que é o Cardoso que vem dali de Santa Cruz, Itaguaí, uma família portuguesa, que inclusive era dona daquele porto que existe lá, uma família de políticos e outra parte da família Cardoso. Na verdade, eu seria Cardoso e Cardoso, pois tenho Cardoso por dois lados, que vem de Juiz de Fora, Minas Gerais, então, eu tenho uma origem vinda de vários estados.

De toda essa gente, não há nenhum músico, até onde eu consegui chegar às gerações para trás. Não há nenhuma história de músico profissional ou amador, portanto, a minha família não é uma família de tradição musical, a única coisa que consegui descobrir por curiosidade, já que gosto de genealogia, é que esse ramo dos Cardoso de Juiz de Fora era de empresários e donos de uma fábrica de instrumentos musicais, é a única relação que o meu passado tem com a música. Não se fazia música, se fazia instrumentos musicais, mas não sei que tipo de instrumentos se fabricava, sei também que era uma família de militares, oficiais de marinha, exército, comerciantes, enfim tem gente de todo tipo e até onde sei, sou o primeiro músico da família.

Curiosamente, a minha formação musical começou tradicionalmente como algumas famílias começam, ou seja, a minha irmã Kátia começou a estudar piano, pois fazia parte da formação geral as meninas estudarem piano. A minha mãe comprou um piano e minha irmã começou a estudar piano e é obvio que o menino foi estudar violão. Eu ganhei dos meus padrinhos um violão e comecei a estudar em uma academia de música perto de casa que ficava ali na região da Tijuca e acho que existe até hoje. Lá, comecei a estudar violão com o professor Moisés Ferreira Lima, acho que já falecido. Essa formação inicial no violão foi, pouco tempo depois, completamente abandonada e passei muitos anos sem nenhum contato com a música, depois dessa iniciação musical ao violão. É aí que entra aquilo que eu acho ser o mais forte iniciador musical, o melhor formador, aquele que melhor desperta os talentos musicais que é o coro. Eu sou um ex-aluno

marista. Estudei no Colégio Marista São José, da Tijuca. Como dizíamos antigamente: no debaixo e no de cima, pois na minha época eram dois, o mais antigo ficava na Rua Barão de Mesquita e o mais novo fica lá na região da Usina. Então, eu estudei nos dois e o colégio tinha uma tradição musical muito grande, tinha coro infantil, coro juvenil, banda e isso já no final da adolescência. Comecei a cantar no coro do Colégio Marista e muito desconfiado com aquela coisa de coro - não é coisa para menino - até que um colega insistiu muito, “vamos lá, você vai gostar de coro”, então fui para fazer uma primeira audição e me encantei com o coro. Já no primeiro dia fiz parte do coro e lembro a primeira música que o maestro Gilberto Bittencourt, amigo do maestro Ernani Aguiar, (inclusive foi através do maestro Gilberto Bittencourt que conheci o maestro Ernani) fez: *Kyrie*, da Missa de Schubert, foi a primeira música que o maestro Gilberto me fez cantar a quatro vozes. No meio do coro aquelas vozes cantando em diferentes linhas, aquilo me encantou e fiquei no coro desde então. Pude, a partir disto, retomar um pouco da minha formação musical inicial, pois foi através do coro que eu voltei ao violão, decidi tirar o violão da capa e voltar a estudar.

Eu já estava no período de fazer vestibular e fui fazer História na UFRJ, ali no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no Largo de São Francisco, mas não fiquei muito tempo, fiquei apenas um ano e meio. Nesse segundo ano de faculdade de História, eu entrei para a Escola de Música Villa-Lobos e aí já com toda atividade. O coral desenvolvia concertos com orquestras e abordando todo tipo de repertório e eu já estava decidido a seguir com a carreira musical. Foi então que decidi investir na minha formação musical mais seriamente e fui ser aluno da Escola de Música Villa-Lobos. Lá, encontrei uma professora que considero extraordinária de Teoria e Percepção, que foi a professora Marcilda Pires, foi ela quem me preparou de uma maneira intensa para aquilo que eu já tinha como objetivo, que era fazer curso superior de música. Ao mesmo tempo, por essa atividade coral grande que eu fazia naquela época, eu já tinha me seduzido completamente pelo mundo da orquestra sinfônica. Decidi que o violão não era mais suficiente para mim, fazer música sozinho não era o que eu queria, queria estar dentro de uma orquestra sinfônica tocando. Então, comecei a estudar viola e tive a sorte de encontrar o professor Nayran Peçanha, que era músico da Orquestra Sinfônica Brasileira, a quem devo boa parte da minha formação como instrumentista.

A iniciativa do Colégio Marista de contratar alguns professores de instrumento foi fundamental porque o Nayran passou a dar aulas lá e eu comecei a estudar viola com ele. Depois, por algum motivo, ele precisou sair e eu passei a ter aula particular na casa dele, em Santa Teresa. Depois que ele saiu do Colégio Marista e começou a dar aula particular, ele jamais me cobrou uma aula, foi para mim um privilégio, e durante minha vida encontrei pessoas assim. Com ele fiz a minha formação instrumental, a ponto de dali a algum tempo eu já poder tocar em orquestras. Nesse período, eu já estava em Petrópolis, cantando no Coral Municipal de Petrópolis, do qual o maestro Ernani Aguiar e o maestro Gilberto Bittencourt eram os titulares. Eu ia muito a Petrópolis fazer curso no Instituto dos Meninos Cantores, ou seja, eu não fui um Canarinho. Alguns acham que eu fui um Canarinho, mas por frequentar muito o Instituto algumas pessoas acabam confundindo, porém eu jamais fui um Canarinho, mas posso dizer que boa parte da minha formação musical fiz no Instituto dos Meninos Cantores. Nos cursos de verão que o Instituto promovia todo mês de janeiro, durante alguns anos, fiz uns quatro ou cinco cursos lá. Estudei viola com Nayran, estudei teoria musical com Gilberto Bittencourt, cheguei a fazer violão com o Dorival Lessa nos cursos de

Petrópolis e lá comecei a flertar, vamos dizer assim, com regência. O maestro Ernani fala, e é a absoluta verdade, que ele foi aquele que pela primeira vez colocou a batuta em minhas mãos e me deu a chance de chegar à frente de um grupo musical e dirigir. Isso ocorreu não só nos cursos, mas eu me lembro que pude dirigir a orquestra do curso na peça chamada *Raveliana*, que tinha sido composta por um aluno de composição do curso. Também, em algumas oportunidades, pude reger o próprio Coral Municipal que tinha por hábito, às vezes, substituir os Canarinhos de Petrópolis na missa de domingo, na Igreja Sagrado Coração de Jesus. Eu, em alguns momentos, pude dirigir o coro e essas chances sempre me foram dadas pelo maestro Ernani. Outra oportunidade que o maestro me deu, assim, muito rapidamente, foi a Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro, que tinha como titular o maestro Davi Machado. Nessa época, eu já estava tocando na Sinfônica Jovem do Theatro e o maestro Ernani tinha por hábito incentivar os mais jovens de uma maneira quase que assustadora. Ele virava para alguém, apontava e dizia “você, vem aqui agora reger esse trecho de tal lugar a tal lugar”. Muitos dos meus colegas fugiam, mas quando o maestro virou-se para mim e disse “você, venha aqui agora”, eu me levantei de um pulo e foi uma oportunidade de experimentar estar à frente de um grupo, o que não é fácil para aquele que está com a pretensão de seguir uma carreira como regente. Então, o maestro Ernani tem essa participação em minha vida e muitas outras que eu ainda vou relatar aqui.

A minha formação depois se completou com a minha entrada no curso de Bacharelado na Escola de Música de UFRJ. Eu aproveitei esse segundo ano da faculdade de História para me preparar para o vestibular da Escola de Música. Acredito que tenha frequentado mais as aulas da Escola de Música Villa-Lobos, que é ali bem perto, do que as aulas do Instituto de Filosofia. As aulas com a Marcilda foram fundamentais para isso e, curiosamente, apesar de já estar tocando em orquestra e já estar estudando viola há algum tempo, eu fiz a prova específica ao violão. Não me senti suficientemente seguro ainda na viola para prestar o vestibular como violista e eu ainda não tinha deixado de tocar o violão. Lembro que o Turibio Santos fez parte da minha banca, isso em 1984. No violão, eu tinha me desenvolvido e cheguei a tocar um repertório bom, toquei a *Suíte nº3*, toquei o *Prelúdio*, de Villa-Lobos e parece que depois daquela prova, jamais toquei no violão novamente e me dediquei exclusivamente à viola e a tocar em orquestra.

A minha passagem pela Escola de Música foi um divisor de águas na minha vida musical, porque lá pude constatar a importância de um estudo sistemático organizado. Por mais que ainda naquela época a escola tivesse uma geração de professores que viessem de outros tempos, eu pude encontrar figuras extraordinárias na Escola de Música. Eu me lembro com muita satisfação das aulas com Judith Cocarelli, com o maestro Henrique Morelenbaum, que era um fantástico professor de contraponto e fuga, fui aluno do Murilo Santos, fui aluno do Nelson de Macedo na viola, deixei de estudar com o Nayran e fui estudar com o Nelson de Macedo, fui aluno de regência do Roberto Duarte, que me preparou verdadeiramente para a profissão, fui aluno de Ricardo Tacuchian, em História das Artes, fui aluno da Maria Helena Andrade ao piano, embora eu não seja pianista e encontrei uma turma de professores de que eu tive orgulho de ter sido aluno. Eu fiquei sete anos e, curiosamente, entrei primeiro no curso de composição, pois tinha a pretensão de ser compositor, pretensão essa que depois abandonei porque não me sentia seguro o suficiente. Flertei com a composição algumas vezes, mas nada que me desse orgulho de mostrar para alguém,

então no meio do curso resolvi mudar, já que os cursos de composição e de regência eram muito parecidos, e me formei no curso de regência.

Paralelamente a toda essa atividade de formação na Escola de Música, sabemos que o jovem músico no Brasil não pode só se dedicar à sua formação, ele tem que também começar a trabalhar, e enquanto eu fazia o curso na Escola de Música, eu tocava, eu gravava, tocava em todo tipo de oportunidade que me dessem. Toquei em muitas orquestras arregimentadas por cachês, comecei a dar aulas de viola e violino, então teve uma época de minha vida que eu vivia mais dentro do ônibus do que em solo. Eu dava aulas de violino na cidade Campos, no Norte Fluminense, saía de Campos e parava em Macaé, dava aula dois dias de violino, dava aula no Rio de Janeiro, no Centro Suzuki e, em determinado tempo de minha vida, morava em Petrópolis e regia um coro em Juiz de Fora. Então, eu tinha bastante quilometragem dentro de um ônibus para dar conta de toda essa atividade.

Coisa que guardo como importante para mim é essa atividade musical em Petrópolis, apesar de Petrópolis não ser uma cidade onde tenha acontecido uma vida musical e o maestro Ernani sabe muito bem disso. Lá, eu tive experiências musicais muito importantes, não só no Instituto, mas eu pude organizar o primeiro coro que eu dirigi. O primeiro coro em que eu era o responsável, chamava-se “Coro da Sociedade Artística Villa-Lobos”, era uma sociedade que existia em Petrópolis que a professora Mariucha Iaccovinno organizava já há muitos anos e em determinado momento resolveram criar um coro e eu fui formar o coro. Lá, organizamos também festivais de música e fizemos uma série de concertos. A minha atividade no Coral Municipal e especialmente a relação que passei a ter com o maestro Ernani me levaram a abrir outras perspectivas em termos de música. Foi através de um concerto que assisti em Petrópolis, organizado pelo maestro Ernani, por exemplo, quando eu ainda não era um integrante do Coral Municipal, que eu pude conhecer duas extraordinárias pessoas da musicologia brasileira, que foram Cleofe Person de Mattos e Francisco Curt Lange, os dois juntos no mesmo concerto, um concerto que aconteceu na Igreja do Amparo. O maestro Ernani fez um concerto só de música colonial brasileira e convidou Cleofe e Curt Lange e a partir desse concerto pude compreender e saber o que é o trabalho de um musicólogo, a importância dessas figuras extraordinárias que são Cleofe e Curt Lange, conhecer a música brasileira desse período colonial, porque até então eu apenas tinha ouvido falar que tinha um certo padre que tinha composto obras e que era muito bom, mas que eu realmente não compreendia a importância de uma figura como José Maurício. Foi a partir desse concerto, ouvindo aquelas obras, que pude me dar conta de que estava diante de um patrimônio musical e que eu deveria também fazer parte deste mundo da musicologia, da música brasileira.

Também o trabalho com o Coral Municipal de Petrópolis me deu a consciência da importância do intérprete se dedicar à música brasileira. Eu pude cantar inúmeras obras no Coral Municipal, inclusive estreias mundiais que o maestro Ernani fazia e que eu estava no coro cantando. Posso dizer que tenho aqui, além da minha pequena listagem de primeiras audições que eu fiz como regente, outra listagem que eu posso agregar como cantor ou como instrumentista, tocando ou cantando obras em primeiras audições dirigidas pelo Ernani, pelo maestro Duarte, com quem trabalhei muito proximamente.

Esse trabalho junto ao Coral Municipal de Petrópolis com o maestro Ernani foi fundamental para a abertura de perspectivas, como se fosse uma coisa só de intérprete voltado para execução musical, mas que também no futuro me possibilitou ampliar os meus horizontes em termos de abordagem da música.

Ao concluir o curso da UFRJ, a gente sempre fica naquele dilema: acabou o curso, o que eu faço agora com um diploma de regência sem a perspectiva profissional de reger efetivamente uma orquestra profissional, que é um mundo especial, o mundo das orquestras e da regência? Ao contrário de muitos colegas que foram ficando pelo caminho, lembro que me encontrei com muito deles, na verdade da minha turma de regência eu fui o único a completar o curso e a me formar. Eu decidi me inscrever em um concurso que a Orquestra Sinfônica Nacional organizou e isso foi em 1994. Era um concurso nacional de regência, cujo prêmio era um concerto com a Orquestra Sinfônica Nacional na temporada seguinte. Foram doze candidatos inscritos do Brasil inteiro e eu ganhei o concurso. Assim, se toma consciência da importância de eventos, uma chance para um jovem regente, um jovem músico, um jovem compositor mostrar seu trabalho diante de uma banca julgadora. Esse concurso assumiu uma proporção na minha vida profissional como regente muito maior do que eu podia imaginar. O concurso foi em 1994 e o concerto em 1995; eu realizei esse concerto que foi o prêmio por eu ter ganhado o concurso em julho de 1995. Em agosto de 1995 estourou uma crise tremenda na orquestra dos músicos com o maestro titular da época, maestro Carlos Eduardo Prates, e de uma hora para outra a orquestra ficou sem regente. A orquestra tinha um calendário a cumprir até o final do ano e ficou sem o regente titular, então, eu fui chamado porque a orquestra tinha na memória não só o concurso que eu ganhei, como o próprio concerto que eu tinha dirigido. Então, eu fui chamado para assumir primeiro um concerto que estava prestes a ser realizado e acabei ficando praticamente o segundo semestre inteiro do ano de 1995 cumprindo o calendário de concertos da orquestra até dezembro. Eu fiz inúmeros concertos em vários lugares como Niterói, Rio de Janeiro e minha primeira participação em Bienal de Música Brasileira Contemporânea foi à frente da Sinfônica Nacional, nessa ocasião, em 1995.

Nesse período resolvi diversificar o meu aprendizado na regência e fui ter aulas particulares com o maestro Davi Machado, que foi também muito importante na minha formação como regente de orquestra. Fui ter aulas particulares com ele em uma pequena turma que eu mesmo tive a iniciativa de formar e também da mesma forma como aconteceu no curso de bacharelado, aquela turma que eu organizei, eu acabei sendo o último e todos foram saindo ao longo do curso.

Em 1995, eu me lembro e sinto muita saudade do maestro Davi Machado. Ele fez o seu último concerto, acredito que de sua vida, não com a Sinfônica Nacional, mas o último concerto que ele regeu foi o *Requiem*, de Mozart, que eu preparei para ele durante uma semana de ensaio. Eu estava tendo aula com ele, me recordo que ele me ligou e me disse: “André, eu não posso dar aula para você esta semana, pois eu vou me internar para realizar uma pequena cirurgia, mas acredito que na semana que vem nós podemos voltar a ter aulas”, mas ele não voltou para me dar aulas, pois faleceu na mesa de operação. Com o maestro Davi Machado eu já tinha a experiência de músico de orquestra. Tocando com ele na Sinfônica Jovem, ensaiava na Sala Cecília Meireles e depois conhecendo o trabalho dele como regente, fui ter aulas com ele e tive também uma experiência muito boa.

Esse trabalho com a Sinfônica Nacional para mim foi extremamente importante. É diferente você reger um grupo de amigos, é diferente você reger uma pequena formação de câmara ou uma orquestra durante um curso de verão e de repente, de uma hora para outra, você estar à frente de uma orquestra profissional com repertório enorme que você tem que dar conta de sinfonias, de concertos, acompanhar solistas, participar de uma Bienal de Música Brasileira Contemporânea! No final do ano a Orquestra Nacional resolveu fazer a famosa lista tríplice para a escolha de seu regente titular e na lista tríplice constavam três nomes: o meu, o do maestro Roberto Duarte e o da maestrina Lígia Amadio, exatamente nessa ordem e eu lembro que em janeiro o maestro Roberto Duarte me chamou para fazer parte do corpo docente da Oficina de Música de Curitiba e eu disse para ele “Roberto, para mim é difícil assumir um posto de regente titular de uma orquestra como a Sinfônica Nacional com tão pouca idade, tão pouca experiência; vamos inverter isso aqui, vamos negociar com a Sinfônica Nacional, então você assume a titularidade da orquestra e eu fico como seu assistente” e assim começamos a negociar com a Sinfônica Nacional. Conversamos com as autoridades da Sinfônica Nacional na época e essa experiência me levou à seguinte conclusão: se você quer ser titular de uma orquestra, não queira que o seu nome esteja em lista tríplice, pois eu nunca vi um regente indicado por músico em lista tríplice que tenha assumido a titularidade da orquestra. Então, foi chamada a maestrina Lígia Amadio, que durante dez anos ficou à frente da orquestra, e era o terceiro nome da lista. De certa forma, ali se encerrou a minha história, que foi muito curta, com a Sinfônica Nacional, seis, sete, oito meses, mas que foi muito intensa, com muitos concertos. Depois desse período eu, praticamente, em dez anos, fiz um único concerto com a Sinfônica Nacional.

Esse período me abriu perspectivas com outras orquestras. Eu pude pela primeira vez experimentar também estar à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira e foi um concerto que quase custou o meu, então, casamento, porque foi um concerto que tive que fazer no dia de Natal de 1996, no dia 24 de dezembro às 22:00, na praia de Copacabana. Um grande palco montado e eu à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira pela primeira vez e, óbvio, que eu não consegui chegar a tempo, porque eu morava em Petrópolis. Então, meia-noite, a família reunida e eu na estrada dirigindo feito um louco para chegar meia-noite, mas óbvio que eu não consegui chegar, mas ainda tive uma sobrevida de alguns anos.

A partir desse primeiro concerto com a Sinfônica Brasileira também passei a exercer um papel que durante muito tempo na minha vida profissional as pessoas viam como referência. Eu passei a ser chamado em condições muito adversas para fazer concertos. Lembro-me uma vez que o maestro Roberto Tibiriçá, então na OSB, me ligou e disse “maestro, tenho um concerto para você na série das igrejas da OSB, daqui a tantos dias e o repertório é esse, com abertura” e eu disse “aceito e quantos ensaios eu tenho?”. Ele me respondeu “nenhum, pois a orquestra não ensaia mais esse programa, já que ele vem sendo executado pela orquestra”. As minhas experiências como músico de orquestra nessas horas me valiam muito, pois boa parte do repertório se eu já não tinha estudado como maestro, eu já tinha tocado como músico, então eu podia, muitas vezes, aceitar essas missões ingratas de assumir concertos em cima da hora, porque eu já conhecia o repertório. A mesma coisa aconteceu com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, talvez em condições por um lado melhores e por outro lado piores, pois a primeira vez em que trabalhei com a Sinfônica do Theatro Municipal não foi no período que eu lá fiquei sete anos como regente assistente, na verdade foi

uma produção de um balé, que quem ia dirigir era o Alessandro Sangiorgi, que era o atual diretor da Sinfônica do Paraná. Ele vinha da Itália para fazer *Sagração da Primavera* em forma de balé; então, por uma questão de agenda, ele não podia chegar na segunda-feira para o primeiro ensaio, só podia chegar lá para quinta-feira e por sugestão dos músicos da orquestra, levaram o meu nome à direção do teatro, para fazer esses três primeiros ensaios da orquestra. Também foi o mesmo caso com a Sinfônica do Theatro Municipal, me ligaram em uma sexta-feira, “quer ensaiar conosco *Sagração da Primavera*, com o primeiro ensaio na segunda-feira?” e então disse “sim” e me lembro que foi o final de semana mais enlouquecido da minha vida, de enfiar a cara naquela partitura que eu já tinha na minha estante, pois tinha por hábito todo mês buscar alguma partitura de repertório para ali ir montando uma biblioteca de música e eu como já tinha a *Sagração da Primavera* pude aceitar nessas condições. Foi uma experiência extraordinária porque a gente tem imagens das orquestras e a OSB era uma orquestra muito próxima a mim. Quando fazia aula com o Roberto Duarte todas as segundas-feiras de manhã na Escola de Música, imediatamente saía da aula, e assim fazia todos os dias da semana, atravessava a rua e ia assistir aos ensaios da Orquestra Sinfônica Brasileira, não importa qual fosse o maestro. Eu sabia qual era o repertório daquela semana e ia com as partituras. Eu me lembro, por exemplo, de ter assistido Kurt Masur ensaiar todas as Sinfonias de Beethoven e eu tenho as partituras de bolso das nove de Beethoven com coisas que eu anotei nos ensaios do Kurt Masur, naquele período, e eu nem uso essas partituras que ficam lá. Depois, eu comprei outras. Assim, eu fiquei muito próximo dos músicos da OSB, pois eles sempre me viam lá.

A Orquestra do Theatro Municipal era uma orquestra que eu achava quase inatingível para um jovem regente e quando me trouxeram esse convite eu falei “não posso deixar de aceitar”, mesmo que seja *Sagração da Primavera* nessas condições.

Outra pessoa de quem eu guardo uma recordação muito boa, apesar do seu reconhecido e famoso mau humor, é do maestro Mário Tavares, que era o maestro titular da Orquestra Sinfônica do Theatro, a quem fui procurar certa vez no intervalo, dizendo “maestro, quero ter aulas com o senhor”. Eu tinha essa cara de pau e o maestro Mário me disse “não dou aulas, mas podemos conversar sobre música se você quiser. Traga aí partituras e a gente conversa sobre música” e assim eu pude estabelecer uma amizade com o maestro Mário Tavares que durou até o fim de seus dias que eu estive acompanhando, indo na casa dele e vendo suas últimas composições com uma caligrafia quase ininteligível. Eu o via compondo de caneta Bic, rabiscava aqui, puxava seta para lá, depois eu pude estrear do maestro Mário Tavares duas obras e foi difícil por causa dessa partitura que ele compunha. Ele era uma pessoa que tinha a música muito na cabeça, um ouvido reconhecidamente espetacular, então ele ia escrevendo as linhas dos instrumentos com muita facilidade! Ele abaixava a mão e a coisa acontecia, mas a partitura era muito caótica. Eu pude acompanhá-lo de perto e ajudá-lo na organização do catálogo de obras dele. Fizemos na Escola de Música um concerto em homenagem a ele onde estreamos várias obras.

A minha vida como intérprete, atualmente, é totalmente voltada para a regência. Eu não exerço mais atividade como instrumentista, a não ser muito excepcionalmente. Por exemplo, a orquestra juvenil das criancinhas da Escola de Música vai tocar, falta uma viola, eu pego a minha, sento e toco. Mas são condições muito especiais, não exerço mais profissionalmente a atividade de

instrumentista. Como regente optei por um tipo de carreira, porque eu acho que não existe um tipo só de carreira como regente, há várias maneiras de você desenvolver uma mesma carreira. Por questão de opção de vida, primeiro, e depois por caminhos que a vida toma, eu não me vejo hoje no tipo de carreira no qual terei que viver dentro de um avião e me hospedando em hotéis o tempo todo. Preferi optar, ao contrário, não para estar a cada semana à frente de uma orquestra diferente, com três ensaios no máximo, para dali já pegar outro programa, isso não. Eu preferi investir em uma orquestra onde hoje eu trabalho mais frequentemente, que é a Orquestra Sinfônica da UFRJ, onde, atualmente, eu sou professor e diretor.

Gosto mais do trabalho de moldar, trabalhar a longo prazo e ir construindo uma coisa, do que simplesmente ir pulando de orquestra em orquestra, sala de concerto em sala de concerto, repetindo concertos. Isso não me atrai.

Como intérprete, pude estabelecer algumas diretrizes do meu trabalho. Por conta desta opção, não sou um regente que tenha um repertório extensíssimo de obras, tenho o conhecimento como músico de orquestra e por curiosidade, mas optei por um determinado tipo de repertório, do qual faz parte muito a música brasileira, um legado que trago da atividade como regente do maestro Ernani, que sempre privilegiou a música brasileira, sempre fez primeiras audições e, de uma certa forma, em alguns momentos eu tive até veleidade de competir com ele, com Lutero Rodrigues e com Roberto Duarte e vou ter também cem primeiras audições, mas eles são imbatíveis nesse quesito. Enfim, eu tenho lá as minhas trinta e poucas primeiras audições de vários compositores e esta é uma coisa que tenho grande prazer em fazer, receber uma obra nova e realizá-la com orquestra. Eu fiz essa opção e não tenho como intérprete nenhuma opção estética nesse caso. Já dirigi em primeiras audições de obras mais experimentais até obras muito tradicionais, porque eu acho que essa é parte essencial da minha vida. Não gosto muito da palavra missão, mas fazer primeiras audições de música brasileira é parte daquilo que eu considero importante na atividade profissional de um regente, dar vida a um repertório novo, então, eu tenho atualmente trinta e poucas primeiras audições, obras que eu pude trazer à luz pela primeira vez.

Não querendo amofiná-los demais com a minha trajetória, mas optei por outros ramos de atividades. Hoje em dia tenho o meu trabalho, não me considero um musicólogo, eu me considero um músico que tem grande interesse pela musicologia. Pelo fato de ter flertado lá atrás com a história e por um dia ter tentado ser um historiador, eu sempre gostei muito disso, me dá hoje um prazer muito grande trabalhar com a musicologia histórica e interpretativa e pude desenvolver isso nos dois cursos de pós-graduação que fiz. Tive o privilégio de ser orientado pelo Ricardo Tacuchian, que foi meu orientador no mestrado e no doutorado. Ricardo foi aquele orientador que me deixou bastante livre para fazer o trabalho, mas intervinha assim, cirurgicamente, com coisas que você vê que precisa e é aí que você vê a mão do orientador dando exatamente o rumo e fazendo a intervenção na hora certa. Então, eu pude com o Ricardo desenvolver dois trabalhos, um que na época estava me fascinando muito que era a música colonial de Minas Gerais. Lá no Instituto dos Meninos Cantores tive a sorte de esbarrar com uma cópia manuscrita de uma obra de Lobo de Mesquita que até pouco tempo atrás era a única obra do Lobo de Mesquita em manuscrito carioca. Sabemos que ele saiu de Minas e morreu no Rio de Janeiro, mas não tínhamos manuscritos do Lobo de Mesquita preservados no Rio de Janeiro. Lá no Instituto esbarrei com uma

coleção de livros e papéis do Frei Pedro Sinzig, com uma cópia manuscrita de uma obra do Lobo de Mesquita e resolvi fazer daquilo a minha dissertação de mestrado. Isso acabou tendo um caminho de ligação como o doutorado, pois o músico que produziu aquela partitura havia sido cantor da Capela Imperial. Então, fui pesquisar a Capela Imperial, isso já no doutorado com a orientação do Ricardo, e pude ter a satisfação de ver o meu trabalho musicológico alcançar uma dimensão maior do que a de simples dissertação ou tese que vai ficar no banco de teses ou na biblioteca da universidade. Vi aquela tese virar um livro sobre a Capela Imperial, publicado pela Academia Brasileira de Música, a partir do “Segundo Concurso de Monografia José Maria Neves”, no qual inscrevi o trabalho e ele acabou vencendo. Tive o privilégio de ter o meu trabalho publicado pela Academia. Esse trabalho me elevou muito rapidamente, pois eu não tinha nenhuma perspectiva de produzir um segundo livro, mas o embaixador Vasco Mariz, que havia feito parte da banca do “Segundo Concurso de Monografia José Maria Neves”, na época do bicentenário de Dom João VI foi chamado para escrever um livro para a Editora Martins Fontes. Tendo já uma encomenda da Prefeitura do Rio de Janeiro sobre esse assunto, não quis escrever outro sobre o mesmo tema para a editora e indicou meu nome para a Editora Martins Fontes. Assim, eu pude produzir em um espaço de quatro meses o meu segundo livro que é a “Música na Corte de Dom João VI”, que foi publicado pela editora Martins Fontes. Mesmo não me considerando um musicólogo de carteirinha, um profissional que vive da musicologia, vive da pesquisa, eu pude ter dois trabalhos publicados, um pela Academia e outro por uma grande editora brasileira e, assim sendo, eu trabalho como musicólogo pesquisando mais a música do século XIX, com um repertório que eu me interessa muito. Como intérprete eu tenho feito muito a obra de Leopoldo Miguéz, de Francisco Braga, de Carlos Gomes. Agora me dedico mais a pesquisar a música desse período, pois é uma música que está começando a ressurgir, está voltando o interesse da musicologia por esse repertório romântico que o modernismo deixou de lado.

Outra faceta do meu trabalho profissional, da minha trajetória, também ligado à música, mas não necessariamente como intérprete ou como musicólogo, é o de produtor cultural ou de administrador cultural. Eu já produzi em torno de 40 CDs como produtor ou como diretor de gravação. Todos eles praticamente voltados para a música brasileira Tem piano solo, violão solo e até orquestra sinfônica. O primeiro que eu fiz, e tenho a pretensão de dizer que foi uma espécie de marco na discografia musical brasileira, foi a gravação do *Colombo*, de Carlos Gomes, eu produzi em 1997 e em 1998 ganhou dois prêmios, ganhou o prêmio APCA e ganhou o prêmio Sharp. O trabalho de produção da gravação da ópera *Colombo*, por tudo que envolveu, imagina você gravar com uma orquestra universitária, que foi a orquestra da Escola de Música, coros, solistas, órgãos de tubos, produzir uma gravação como esta, no momento em que a última gravação de ópera de Carlos Gomes que havia sido produzida no Brasil tinha sido aquela velha gravação do Armando Belardo do *Guarani* lá nos anos 50, eu acho! Flávio Silva talvez saiba mais da data do que eu, pois é especialista no assunto, mas não havia produção brasileira de óperas de Carlo Gomes e era o ano do centenário de morte do Carlos Gomes. Foi em 1996, quando nós começamos a elaborar o projeto de gravar o *Colombo*, que teve uma motivação muito curiosa. Eu tinha tocado como músico de orquestra o *Colombo*, com o Roberto Duarte, e determinado dia, passando em uma das salas da Escola de Música, ouço Inácio De Nono cantando a *Ária*, era um Tramonto D’oro acompanhado ao piano, era a voz do Colombo, a do Inácio é a voz adequada para isso e é uma *Ária* linda! O centenário de Carlos Gomes estava chegando, e fazer essa gravação foi uma ousadia e

tanto! Conseguimos convencer as autoridades universitárias, conseguimos um patrocínio do finado Banco Marca para patrocinar parte da gravação e conseguimos realizar uma gravação que muito me orgulha. Maestro Ernani foi o diretor, foi ele quem regeu o grupo e ficou uma gravação de alto nível. A partir do *Colombo* pude realizar também um trabalho muito grande de produção de CDs como diretor de gravação, produtor executivo, enfim vários ramos, o que fez com que eu atuasse muito nessa área.

Na parte da administração musical tive a experiência primeiro de ser vice-diretor e diretor artístico da Escola de Música na gestão do professor João Guilherme Ripper, que foi fundamental para o cargo que eu hoje exerço de diretor da Escola de Música da UFRJ, cargo esse que, eu confesso, não tinha nenhuma vontade de ser diretor da Escola de Música, foi quase que uma imposição, por uma questão de coerência ideológica. Muitos acompanharam um momento que foi muito difícil na Escola de Música da UFRJ, no qual eu me coloquei muito exposto, muito à frente e criticamente contra uma série de coisas que aconteciam naquela época. Então, a partir do momento em que houve uma decisão com relação a essa gestão que foi tão conturbada lá na Escola de Música, o meu nome foi surgindo quase que como uma opção de aglutinar as pessoas que estavam interessadas que a escola voltasse a ser uma instituição, que nós pudéssemos minimamente trabalhar sem querer matar o colega ao entrar na escola. Com o apoio de uma série de colegas muito importantes, eu não administro a escola sozinho, de maneira imperativa, temos uma equipe muito boa, um conjunto de professores, professor Marcos Vinício Nogueira, como vice-diretor, Roberto Macedo, diretor de graduação, Eduardo Biato, diretor artístico, professora Miriam Grossman nos cursos de extensão, e com eles nós conseguimos recompor o que é mais difícil de se recompor que são as relações humanas. Administrar parede, cadeira, memorando, ofício, isso é fácil, administrar as relações humanas é que é muito difícil e eu acho que hoje a escola vive um momento em que nós podemos trabalhar tranquilamente e no qual nós podemos ter projetos e ter incentivos para que o projeto possa ser realizado. E, faltando um ano para o término do meu mandato, tenho uma sensação muito confortável de que poderei entregar ao meu sucessor uma escola melhor do que a que eu recebi e é assim que trabalho quando assumo alguma coisa, ou seja, pego aquela coisa de uma determinada maneira e tenho que entregar para quem vem depois de mim melhor do que peguei. Na escola, eu acho que daqui a um ano posso passar o bastão com a sensação de que hoje a escola está melhor e, além do que, fazer altos elogios, não é minha intenção, mas por uma série de parâmetros muito mensuráveis, como quantidade de alunos, quantidade de professores, atividade artística, atividade acadêmica que a gente desenvolve e que são diferentes daquilo que se desenvolvia há quatro anos. Isso é um pouco da minha filosofia de trabalho, não só à frente da escola, como à frente da orquestra. Eu tive a honra de receber, não receber porque o maestro Roberto Duarte se aposentou antes de eu entrar como professor, mas o meu antecessor na orquestra da Escola de Música foi o maestro Roberto Duarte, por quem eu tenho um carinho muito especial. Ele me formou, uma pessoa com quem eu tenho amizade, enfim, alguém de quem eu gosto muito e tive o privilégio de sucedê-lo. Imagine o peso de um professor recém formado “eu estou aqui em um lugar que pertenceu antes de mim a Walter Burle Max como professor de regência, a Mignone, a Roberto Duarte e agora eu”! Então, procuro também valorizar aqueles que me antecederam, pois se hoje estou à frente de uma instituição, à frente de uma orquestra e posso desenvolver um trabalho é porque antes de mim outros tantos fizeram, mantiveram e desenvolveram dentro das condições que puderam na sua época. Por isso, tenho

muito orgulho de ter sucedido ao maestro Roberto Duarte, com quem trabalhei muito proximamente, e pude tocar sob a batuta dele.

Concluindo a minha trajetória profissional, espero que esse ano passe rapidamente e que julho de 2011 chegue logo para que eu possa retomar certas coisas na minha vida que eu preciso. O trabalho de administração toma muito tempo, principalmente de minha vida particular. Eu tenho três filhos que moram comigo, dos quais eu sou responsável por tudo, e eu estou em um momento da minha vida em que preciso deixar em boas mãos a Escola de Música e outros trabalhos e aos meus filhos me dedicar. Então, espero que daqui a algum tempo eu possa dar outro rumo à minha vida e fazer esse trabalho que venho fazendo.

Eu não tenho muitas vaidades de reger concertos e orquestras maravilhosas e tenho certeza de que deixando a escola brevemente poderei também me dedicar mais à Academia Brasileira de Música, que também é outro marco na minha vida. Ao começar lá atrás eu não podia imaginar que hoje estaria em uma instituição com o maestro Ernani Aguiar, maestro Edino Krieger, Ricardo Tacuchian, Mercedes Reis Pequeno, Flávio Silva, Laís de Souza Brasil, João Guilherme Ripper, enfim, uma instituição que reúne os principais músicos e compositores brasileiros. E eu estou aqui muito humildemente, como acadêmico que está disposto a colaborar para aquilo que for necessário para que a Academia continue com a sua trajetória maravilhosa desde que Villa-Lobos a fundou. É essa a minha trajetória e o que tenho a dizer a vocês, muito obrigado!